

LNK FILMES

apresenta

ESTRANHOS DE PASSAGEM - DIRTY PRETTY THINGS

"Todos os sonhos têm um preço"



Um filme de **STEPHEN FREARS**
Festival de Veneza 2002 - Seleção oficial

Sinopse

Okwe é um imigrante ilegal nigeriano em Londres.

Condutor de táxi durante o dia, recepcionista num hotel à noite, partilha, por comodidade, o apartamento com uma jovem turca, Senay.

Mal se conhecem até ao dia em que Okwe, confrontado com um inimaginável mundo paralelo, faz uma macabra descoberta, sobre a qual não podem falar, nem com o patrão, nem com a polícia. Estranhos de passagem e longe de suas casas, terão que enfrentar todos os perigos juntos.



A história e o casting

ESTRANHOS DE PASSAGEM - DIRTY PRETTY THINGS, thriller estranho e perturbante, desenrola-se numa Londres invisível para os turistas. A capital do Reino Unido atrai imensos visitantes, cujo dinheiro permite manter o seu património. Esta nobre herança sobrevive igualmente graças à mão-de-obra estrangeira, muitas vezes ilegal, e verdadeiro motor económico.

Foi a Paul Smith, da produtora Celador, que Steven Knight propôs o seu argumento, intitulado na altura "Hotels and Dirty Pretty Things." Robert Jones e a BBC envolveram-se



rapidamente na produção do filme. Para todos, a escolha de Stephen Frears para a realização impunha-se como uma evidência.

Seduzido, o cineasta deixa-se entusiasmar pelo projecto: "Se andamos à procura de novas ideias para argumentos, podemos encontrá-las directamente nas comunidades de imigrantes, testemunho social e político da Inglaterra contemporânea".

Realizador e produtor estavam sobretudo interessados em tratar os temas do filme através do recurso ao thriller e à trama política.

"É uma história penumbrosa sobre o lado escondido de Londres, que preferimos ignorar, mesmo que apreciemos as suas vantagens ", sublinha Paul Smith. "Queríamos mostrar a exploração dos trabalhadores clandestinos em Inglaterra".

Stephen Frears acrescenta: "Debruça-se sobre o interior de Londres, sobre o lado sórdido da vida, onde as pessoas são capazes do impensável para simplesmente sobreviverem".

O argumento exigia actores de origem estrangeira.

Para o papel principal de Okwe, Stephen Frears tinha sugerido aos produtores uma estrela de Hollywood como Denzel Washington.

Ao mesmo tempo, tinha já reparado em Chiwetel Ejiofor durante a peça "Blue/Orange", e tinha-lhe pedido que filmasse algumas cenas chave. Após várias audições, a sua presença para o papel impõe-se.

Chiwetel Ejiofor começou imediatamente a aproximar-se da sua personagem: « Com Okwe estamos no interior. É um personagem totalmente estruturado, o que torna a sua busca interior mais apaziguada. Okwe tem algumas asperezas nas

quais podemos atentar: o seu silêncio é o seu poder." Para o papel de Senay, Stephen Frears escolheu Audrey Tautou, que também se afeiçãoou rapidamente ao seu personagem: "O sonho dela é partir para Nova Iorque. E está disposta a tudo para se sentir preenchida e mudar de vida. Mas Senay não é nem uma sobrevivente, nem uma vítima. Ela é forte, e deixou tudo para trás. Não é uma heroína, e quer tão simplesmente viver a sua vida. O seu lado romântico não é lamechas nem caricatural."

Para incarnar Sneaky, o realizador voltou-se para Sergi Lopez, outra escolha surpreendente, mas em perfeita sintonia com o aspecto multicultural do filme.

O actor vê Sneaky « ... como um personagem engraçado, feliz por estar vivo, vaidoso, sedutor, sem escrúpulos e sem amigos, evidentemente interessado em dinheiro."

Estas três personagens formam o triângulo central deste thriller. Uma história de amor nasce entre Okwe e Senay.

Segundo Chiwetel Ejiofor, "Okwe está totalmente impressionado com Senay. Deixa-se levar pelo seu charme e fica desarmado na sua presença. Ele não tem escolha: vai ter que a proteger e defender. Admira a sua determinação e vê nela o reflexo da sua própria vulnerabilidade."

Ameaçados pelos serviços de imigração que querem enviá-los de volta para os seus países, mas também por Sneaky, que conhece a situação deles e que abusa disso, Okwe e Senay encontram aliados inesperados.

Em primeiro lugar, Juliette, uma prostituta mais terna do que aquilo que aparenta.

Sophie Okonedo, que lhe dá corpo, descreve-a nos seguintes termos : «Ela é bastante assustadora no início, mas depois compreendemo-la melhor. Ela ri das situações mais negras. É a sua forma de sobreviver. Embora pareça estar de passagem, torna-se parte integrante da história. Juliette já viu de tudo, já viveu de tudo. A vida não lhe sorriu e ela não quer que Senay, por quem nutre um verdadeiro carinho, tenha a mesma sorte. Juliette é muito doce.



ESTRANHOS DE PASSAGEM
Dirty Pretty Things

Apega-se a Okwe porque o acha muito diferente dos outros homens. Ele é correcto e não lhe pede nada em troca."

Ivan, interpretado por Zlatko Buric, é o taciturno porteiro que guarda a entrada do hotel com uma autoridade quase mística.

Para o actor, "Ivan é um pouco também o guardião da entrada para um outro mundo. É um pouco um passador de almas entre dois mundos. Só jura por dinheiro. É um ser vil que abusa da confiança de Okwe, ainda que lhe tenha uma enorme estima".



Uma globalização artística

Stephen Frears sempre teve muito respeito pelo guião e pela palavra: "Gosto de filmes com diálogos inteligentes e onde se reconhece instintivamente a beleza de uma resposta".

Poderiam ter surgido alguns problemas ligados ao casting internacional, pois os papéis principais eram assegurados por um actor inglês que interpreta um nigeriano, e uma atriz francesa a representar em inglês o papel de uma turca... Nem Audrey Tautou nem Sergi Lopez sabiam falar inglês verdadeiramente.

Stephen Frears acaba por contratar uma assistente, Penny Dyer, perita em dialectos e pronúncias.

Stephen Frears admite ter exigido bastante dos seus actores: "Pedi-lhes que trabalhassem a partir de um guião que não tinha sido escrito na sua língua materna."

Penny Dyer decide trabalhar com os actores um a um: "Para Chiwetel, acabou por ser relativamente fácil, já que os seus pais eram nigerianos. Para Sergi, a transição para inglês foi menos complicada que o inicialmente previsto, dada a sua origem catalã."

Sergi Lopez sublinha a ajuda e o papel essencial desempenhado por Penny Dyer: "Ela conhece a minha pronúncia melhor que eu!"

Audrey Tautou tinha um desafio mais pesado a enfrentar: "Já é difícil falar inglês, mas é ainda mais complicado fazê-lo com pronúncia turca. Foram todos muito pacientes comigo. Aqui, ao contrário dos meus papéis em França, tinha dificuldade em apreciar a qualidade do meu trabalho. Confiava totalmente no Stephen. E sem a Penny, seria incapaz de trabalhar."

Penny Dyer acredita que "a pronúncia se situa entre o russo e o italiano. É aéreo e fortemente marcado por influências orientais. Tem qualquer coisa de sensual que tentei explorar com Audrey sem cair no simples monossílabo. Queria também distanciar-me do ritmo da enunciação francesa. Era um trabalho muito físico: ensinei-a a descontrair a cara para que perdesse momentaneamente a memória muscular da língua francesa. Também trabalhamos muito a respiração."

Para que Audrey Tautou tivesse uma melhor ideia das mulheres em quem se inspirava para incarnar Senay, Penny Dyer levou-a a Stoke Newington : "Aí conhecemos um grupo de verdadeiras jovens turcas. Gravámos as suas vozes para que Audrey as pudesse ouvir e conseguisse dizer frases longas." Audrey aproveitou essas incursões para compreender melhor a vida e as motivações da sua personagem: "Perguntei-lhes se se lembravam das suas primeiras sensações à chegada a Inglaterra e o que tinha mudado ao fim de seis meses. Ainda que Senay seja apenas uma personagem de cinema, penso que toda a gente entra em pânico quando põe os pés em solo estrangeiro. Tenta-se ser forte e determinado, mas o medo está lá. Era um sentimento que me parecia importante transmitir através da Senay."

Penny Dyer corrobora: "Estas jovens turcas desembarcam em Inglaterra sem a menor ideia daquilo que as espera. É frequente entrarem ilegalmente, mas têm a coragem de ir à procura de um trabalho. Era necessário que Audrey exprimisse tudo isto."

Stephen Frears viu esta força afirmar-se durante as filmagens, sob o olhar atento de Steven Knight: "Gosto que o argumentista esteja presente no plateau. Isso permite um trabalho de filigrana sobre um texto pelo qual tenho um respeito total. Desta forma, se me apetecesse fazer alterações, ele estava lá para que as pudesse discutir. E sempre me pareceu mais sensato poder fazê-lo com ele."

Chiwetel Ejiofor acrescenta: "À mais pequena dúvida, podíamos virar-nos para o Steven. Ele estava completamente disponível para aqueles que o abordavam para analisar as motivações dos seus personagens ou para sugerir diálogos que lhes parecessem mais adequados e podíamos discuti-lo em conjunto."

Mas a interpretação subtil de Audrey enriqueceu o guião com novas nuances. Stephen Frears conta "que, no início, a Audrey estava bastante nervosa. Depois, começou a sentir-se cada vez mais à vontade com a língua do filme; quanto mais ganhava confiança melhor se exprimia e se ultrapassava."

Audrey Tautou precisa : "Trabalhar pela primeira vez com uma equipa estrangeira ajudou-me de certeza. Fui atirada para um meio onde tudo me era estranho, de certa forma como a minha personagem. Conseguia identificar-me perfeitamente com ela".

Londres: do outro lado do espelho

Apesar do sucesso em Hollywood de filmes como THE GRIFTERS e ALTA FIDELIDADE, Stephen Frears gosta de regressar a Inglaterra, uma sociedade que o fascina e que tinha já explorado em SAMMY AND ROSIE GET LAID (1987).

"Quando filmo nos Estados Unidos, tudo aquilo que me é oferecido é-me totalmente desconhecido. Mas quando me perguntam o que é que encontro de tão interessante para filma em Inglaterra, respondo frequentemente que as lutas ráticas, de classe, e dos sexos são as únicas questões que me interessam. Não é que pense nisso conscientemente, mas é a única conclusão que tiro ao olhar para os meus filmes. Se alguém me enviasse um romance de E.M. Forster, não me iria interessar. Não me agarrava. Porque aquilo que acontece é que aqueles é que são os assuntos que me interessam. Quero dizer, vejo que é coerente, mas nunca o tinha articulado conscientemente. O trabalho articula-o por nós."

Regressar a Londres também representou um problema. "É difícil encontrar um novo mundo no nosso próprio país", diz. "O mais difícil é encontrar qualquer coisa inglesa nova para mim e que não envolva as coisas habituais de que os filmes ingleses estão cheios. Dito isto, acho que, no entanto, ESTRANHOS DE PASSAGEM - DIRTY PRETTY THINGS é uma história universal, e os problemas de que fala são comuns a todos os países."

Para ajudar a estabelecer uma nova abordagem visual de Londres, Frears voltou-se para o designer de produção Hugo Luczyc-Wyhowski, com quem tem trabalhado regularmente desde "A Minha Bela Lavandaria", de 1985. "É muito, muito difícil" diz Luczyc-Wyhowski. "O que fazer? Já todos vimos Londres e não queremos fazer outro filme onde os personagens vão até Trafalgar Square e a câmara faz uma panorâmica da estátua de Nelson. Que apresentar, então?"

Isto foi algo sobre o qual até os actores se puseram a pensar. "Tem que se olhar para Londres de uma maneira sensivelmente diferente" diz Ejiófor. "Temos que procurar por aquilo que está debaixo da superfície. É um filme sobre esse submundo, e descobri-lo é excitante, mas traz problemas[...]Tem sido possível falar com as pessoas, com variadíssimos estatutos legais, e temos descoberto mais sobre esse lado de Londres. Um lado um pouco menos óbvio." E como se consegue isso visualmente? Diz Frears: "Começa-se por pôr de lado as coisas mais óbvias que Londres tem para oferecer: as bonitas vistas, o Palácio de Buckingham ... Tem que se ser mais imaginativo e descobrir um mundo

alternativo, porque é sobre um mundo paralelo que este filme trata: pessoas sem dinheiro, sem passaporte, sem identidade. Só Deus sabe como vivem."

Luczyc-Wyhowski sublinha, no entanto, que esses adornos não foram a parte mais problemática do trabalho. "Em última análise," diz, "não é importante que seja Londres, porque não estamos a fazer um retrato da cidade. Sim, é um filme britânico, e sim, é um problema britânico, mas acho que podia passar-se em qualquer cidade. Gosto muito da forma como a cidade se torna bastante anónima no filme, da mesma forma que os personagens são também eles relativamente anónimos. Qualquer pessoa podia trabalhar num hotel e guiar um táxi."

Frears acrescenta: "É um filme sobre como a Grã-Bretanha se está a tornar multicultural. A América de alguma forma já o tinha feito. Quando vamos a Nova Iorque, vemos imensos coreanos e porto-riquenhos, entre outros. E aquilo que está realmente a acontecer com a Grã-Bretanha é a sua transformação numa sociedade multicultural- com alguma resistência - com pessoas a lutarem pela sua sobrevivência. Por isso, sim, existem múltiplas identidades e múltiplas culturas."

O mesmo se passou com Lopez. "É a primeira vez que estou em Londres e não conhecia nada," conta ele. "De facto, é mesmo a primeira vez que estou no Reino Unido. Mas fiquei impressionado. Conheço muito bem Paris e lá também encontramos africanos, chineses, espanhóis, e sul-americanos nas ruas. Mas aqui, o contraste é muito mais pronunciado. Podemos ver um inglês típico com o seu chapéu de coco e o guarda-chuva, e ao lado dele uma mulher de burkha. É muito mais evidente que esta é uma sociedade onde todo o género de pessoas vive em conjunto."

De certa forma, isto reflecte-se no próprio hotel, o principal cenário do filme. Como se fosse um microcosmos da sociedade, representa a forma como pessoas com estilos de vida tão diferentes podem co-existir sem, no entanto, saberem nada acerca dos seus vizinhos. Como diz Lopez, "Um hotel é apenas uma série de quartos. Pagamos e temos um quarto. Mas nunca ninguém saberá o que é que iremos fazer. Podemos até matar alguém! É, efectivamente, um espaço fantástico para um filme, porque ali tudo é possível."

Para obter inspiração para os cenários, Luczyc-Wyhowski visitou os hotéis menos sofisticados de Paddington e Russell Square, onde os negócios são feitos anonimamente. "Tendo conhecido algumas pessoas que trabalharam em hotéis, percebi que por lá se passam coisas muito estranhas. Encontra-se todo o género de coisas estranhas: balas,

facas... Se imaginarmos um hotel no seu sentido literal, são apenas uma data de caixas, com uma série de pessoas diferentes lá dentro, a viverem uma enorme quantidade de dramas - e todas elas estão ligadas. Se formos às traseiras desses sítios, percebemos que são de loucos. Pedacos de mesas, pilhas de cadeiras partidas, os trabalhadores cá fora a fumar, e encomendas a serem entregues. É muito, interessante visualmente. É um outro mundo, assim que entramos pela porta do pessoal. As pessoas não se apercebem. É bastante miserável."

Com efeito, muitos hotéis se mostraram reticentes a abrirem as suas portas a esta produção, por causa do seu título. Consequentemente, continua "colocou-se-nos um problema no filme, que era termos que criar um hotel por não podermos ter acesso a nenhum. Assim, tivemos que criar um hotel a partir de sete elementos diferentes. Havia um cenário exterior, uma sala para a recepção, duas salas para os quartos de baixo. A sala da segurança era cenário, assim como os corredores e o quarto onde a maior parte do filme tem lugar. É uma mistura muito complexa de elementos que, espero eu, funcionem conjuntamente sem falhas."

O hotel, sugere Luczyc-Wyhowski, leva-nos directamente ao coração deste mundo estranho e raramente visto. "Estamos a tentar criar uma Londres subterrânea, com pessoas e lugares que nunca vemos. Um lado escondido, mas credível. De certa forma, é uma metáfora para as circunstâncias. Para conseguirmos um equilíbrio, tivemos que chegar a extremos estranhíssimos." Com isto, Luczyc-Wyhowski refere-se à utilização de locais muito altos, como o apartamento de Senay, e ao espaço, em vidro, estranho e quase de ficção científica, que é a casa mortuária.

Há também a pequena garagem dos táxis, em Soho, que foi mesmo filmada no local. "Queria que tivesse uma forma muito estranha". "Encontrámos este espaço muito, mesmo muito, pequeno. Uma das ideias do filme, para lhe conceder um certo ambiente, era justapor ao tamanho do hotel outros espaços bastante menores. E filmar no local dá ao filme um ar diferente daquele que existiria se tivesse que se construir um cenário. Não sei porquê, mas é mesmo assim."

Passar fronteiras

Toda a gente envolvida neste projecto vê-o como um objecto raro, uma história a um tempo provocadora e divertida, mas sem conceder demasiado a este último aspecto. ESTRANHOS DE PASSAGEM - DIRTY PRETTY THINGS é um filme sobre aquelas pessoas que limpam aquilo que nós sujamos" diz Buric. Okonedo também ficou bastante impressionada com esta descrição de uma minoria muito silenciosa. "Toca num mundo que penso que não tem sido explorado noutros filmes," diz ela. "É um filme britânico incrível, mas onde há pouquíssimas pessoas britânicas - de facto, acho que a Juliette é a única personagem britânica. É sobre as pessoas invisíveis de Londres, que não são ouvidas frequentemente." O próprio Frears também acha que este é o aspecto mais pertinente do filme. Mais do que apresentá-lo como um tratado político, dado o clima recente de racismo e medo em relação aos refugiados, o realizador prefere que o filme seja visto como uma abordagem empática e humanista à vida que milhares de pessoas levam nestas circunstâncias.

"Acho que é um filme sobre pessoas com vidas desesperadas" diz. "E isso não me parece correcto. Bom, acho que ninguém devia ter que passar por isto, mas é o mundo em que vivemos, e acho que isto não é bom para o mundo. E acho que é por isto que há pessoas a pilotarem aviões de encontro a prédios. Temos que corrigir este desespero. É como se a natureza estivesse desequilibrada. E se criamos uma sociedade nestas condições, é o que acontece. Nem quero pensar nisso."

Ejiofor também acredita que este filme oferece mais do que uma nova visão sobre um tema de agenda. "Ainda que o filme tenha um pano de fundo multicultural" diz, "não se resume apenas a isso. É um olhar sobre uma certa Londres. Ter um imigrante ilegal da Nigéria como personagem principal realça o drama. Ele já está em desvantagem quando tenta descobrir o que se passa no hotel, o que aumenta a pressão. É fascinante pela sua originalidade, o que torna este projecto um pouco mais especial."

Ou, como diz Lopez, o filme tem ramificações para todos. "quando estou em França, ou quando estou aqui, em Londres, sinto-me sempre um estranho. Todos se sentem estranhos quando não estão em casa ."

Entrevista com Audrey Tautou

MADE IN ENGLAND



No seu primeiro filme em inglês, a heroína de "O Fabuloso Destino de Amélie", encontra-se em frente à câmara de Frears. Em ESTRANHOS DE PASSAGEM - DIRTY PRETTY THINGS, ela interpreta o papel de uma jovem turca, empregada de hotel, ilegal, em solo britânico. Mais uma reviravolta conseguida,

numa carreira gerida na perfeição.

Por Thierry Cheze, PREMIÈRE [Setembro/03]

Mais do que nunca, Audrey rima com inglês ["anglais"]. No Outono passado, tínhamo-la seguido até Nova Iorque, ao plateau de "Happy End", de Amos Kollek. E reencontrámo-la no início de Julho, em Paris, para a sua primeira entrevista sobre o seu novo filme, ESTRANHOS DE PASSAGEM - DIRTY PRETTY THINGS, de Stephen Frears. Apresentado em Veneza, em 2002, este thriller, situado no meio dos trabalhadores clandestinos de Inglaterra, marca a sua iniciação no cinema na língua de Shakespeare. Neste papel de turca, empregada de quarto de hotel, fragilizada pela sua condição precária, Audrey Tautou revela uma nova gama da sua paleta de atriz, grave e intensa. Pouco antes de reencontrar Jeunet para a rodagem de "Un Long Dimanche de Fiançailles", a heroína de "... Amélie" resume esta experiência inédita, fala dos seus objectivos, medos e dúvidas.

Como é que chega a este filme?

Meus Deus, nunca pensei passar da audição(risos)! Com o meu nível de inglês naquela altura, nunca teria conseguido o papel! Estava a filmar "À la folie... pas du tout" quando me disseram que o Stephen Frears queria encontrar-se comigo. Ele não tinha visto "... Amélie", mas confiava na sua directora de casting que lhe tinha sugerido o meu nome. Veio ver-me a Bordéus... para me propor o filme. Em seguida,

enviou-me o argumento que levei dez dias a ler (risos) com um dicionário de bolso à mão.

Que memória guarda desse primeiro encontro?

Acho que naquele momento, não tive muito bem noção. Senti uma enorme alegria, evidentemente, já que adoro os seus filmes, mas quando estou num plateau fico tão concentrada, que mais nada conta à minha volta. Ele veio no último dia de filmagem e eu só tinha uma ideia na cabeça: festejar com toda a equipa. Falámos durante vinte minutos e foi ele que interrompeu a conversa para me dizer: "Vai divertir-te com os teus amigos". Acompanhou-me à festa e o olhar das outras pessoas fez-me tomar consciência. Antes de partir, o Stephen disse-me para não me inquietar, e que iria ser como um pai para mim nesta primeira experiência no estrangeiro e numa língua estrangeira. E não me mentiu.

O que mais a seduziu quando leu o argumento?

O facto de esta história abordar personagens que não costumamos ver no cinema. Fala sem complacência dos refugiados, e vai além do retrato social para tocar no thriller. Para mais, neste papel de jovem turca, nem sequer precisava de falar um inglês perfeito... e não tinha que transportar o filme nas minhas costas, ao contrário do Chiewetel Ejiofor (revelou-se em "Amistad"), que o fez de uma forma admirável. Com a ajuda de Stephen Frears, não podia ter encontrado uma melhor oportunidade para tentar uma aventura em inglês.



Uma das dificuldades do seu papel é, precisamente, técnica: a pronúncia. Como trabalhou este ponto em particular?

Treinei com uma assistente que trabalhou com todos os actores que tinham que falar com pronúncia estrangeira. Mas nunca pensei que iria ser tão difícil. **Porque razão?**

De facto, não tive muito tempo. Estava em plena promoção de "... Amélie" à volta do mundo e não queriam que a falhasse. Só consegui ficar livre a três semanas do início da rodagem. A partir desse dia, vi a Penny (assistente) todos os dias, e aprendi a pronúncia com a ajuda de cassettes e conhecendo turcos. A Penny tinha também classificado todas as palavras presentes no argumento em função da sua sonoridade, para que eu pudesse memorizar melhor as sílabas

em que tinha que colocar uma pronúncia particular. Eu sublinhava as sílabas no meu guião com cores diferentes em função das pronúncias. Estas sonoridades guiaram a minha interpretação... Era necessário que eu encontrasse uma pronúncia turca plausível, mas sem cair no grotesco.

E isso modificou a sua interpretação?

Totalmente. Cada take parecia-se com uma corrida de obstáculos. No final de cada uma, o Stephen vinha ter comigo para relembrar em que sílaba tinha que colocar a pronúncia. Para este filme, só podia confiar na sinceridade das minhas emoções. Para o resto, remetia-me totalmente ao Stephen e à sua sensibilidade. Estava tão concentrada nestas vogais, nas consoantes, e nos acentos tónicos, que não tinha qualquer capacidade de improvisar. É um sentimento estranho, vermo-nos perdidos se o nosso companheiro ou o argumentista decidem mudar uma palavra do texto. Há alguns dias, estive a fazer dobragens para a versão americana. E como já falo muito melhor inglês, dei-me conta de quão mais fácil seria fazer o filme hoje. Mas este desconforto foi, sem dúvida, imprescindível à personagem.

O que é que apreciou, em particular, no trabalho com Stephen Frears?

A sua inteligência e o seu olhar sobre os outros. Permite que tenhamos confiança em nós próprios. Por exemplo, ele nunca me tinha ouvido falar inglês com pronúncia turca até poucos dias antes do início da rodagem. Recusei-me sempre, por angústia, a mostrar-lhe como falava. Mas três dias antes do primeiro take, decidi-me: não queria que ele tivesse um enfarte no meio do plateau (risos)! Mostrei-lhe, então, o meu monólogo... e ele deu-me a impressão de tudo soar maravilhosamente, e explicou-me que aquilo lhe fazia lembrar... a Greta Garbo a falar francês! Ainda o consigo ver a fazer círculos com as mãos como se as minhas palavras soassem as mais harmoniosas do mundo. Enfim, fiquei doida de alegria. Pelo menos, até ao primeiro dia da rodagem, em que me apercebi que tinha perdido todos os meus apontamentos. Tinha medo de não saber exactamente - por causa da língua - quando começar ou terminar uma cena. Depois veio o momento da minha primeira cena. Estava aterrorizada com a ideia de falar em frente a toda a equipa com a minha pronúncia turca. Lanço-me e, novamente, lá estava o Stephen a fazer o mesmo gesto, a acalmar-me e a falar-me da harmonia. Toda a equipa me aplaudiu no final desta cena, e passei pelo argumentista que também me deu os

ESTRANHOS DE PASSAGEM Dirty Pretty Things

parabéns. E claro que isto nos dá segurança. Depois, filmámos, e filmámos... e evidentemente, só fizemos esta cena perfeita no fim da rodagem! Tenho vergonha, quando penso nisso. Não compreendo como é que o Stephen não se perguntou naquele momento como é que me tinha escolhido (risos)! E é precisamente isso que é magnífico nele. Ouve sempre, fala pouco, e contenta-se em reajustar as coisas. Assim que se termina um take, ele pergunta sempre ao actor se deseja fazer mais um, antes de dar a sua própria opinião. Protegeu-me imenso.



CRÍTICAS

"O recepcionista é enviado ao andar de cima para reparar uma sanita entupida, e descobre a origem do problema: um coração humano, preso na canalização. Pergunta quem foram os anteriores ocupantes daquele quarto, mas ninguém parece saber de nada, nem mesmo a prestável prostituta, que parece ser um membro não-oficial do pessoal do hotel. O recepcionista, um nigeriano chamado Okwe, é então apanhado pelo patrão, Sneaky, e é aconselhado a meter-se na sua vida.

Este é um esplêndido começo para um thriller, mas ESTRANHOS DE PASSAGEM - DIRTY PRETTY THINGS é mais do que um filme de género. Usa os segredos e as actividades ilícitas do hotel como motor para conduzir uma história sobre a Londres dos imigrantes, alguns em situação ilegal, que fazem o trabalho sujo da cidade. Okwe (Chiwetel Ejiofor) que era médico na Nigéria, está aqui como exilado político, com um passado que o assombra. Aluga um sofá no pequeno apartamento de uma empregada de quarto de hotel chamada Senay (Audrey Tautou, de "O Fabuloso Destino de Amélie"), oriunda da Turquia, em busca de um casamento por conveniência. O seu melhor amigo, Guo Yi (Benedict Wong), preside a jogos de poker na morgue onde trabalha. Este círculo de amigos inclui ainda o porteiro Ivan (Zlatko Buric) e a prostituta Juliette (Sophie Okonedo). Estes personagens e o vil gerente de noite, Sneaky, os nomes principais nesta história, são todos imigrantes, enquanto que os Londrinos existem apenas como clientes ou funcionários dos serviços de imigração.

Okwe trabalha no duro em dois empregos. Guia um táxi durante o dia, trabalha toda a noite no hotel, e compra 'erva' num café local para se manter mais ou menos acordado. Está consciente de que Senay gosta dele e que não se importaria que se mudasse do sofá para a sua cama, mas [Okwe] tem que se manter fiel à mulher na Nigéria; a sua fidelidade torna-se tão mais aguda quanto melhor conhecemos a história da mulher ("É uma história africana" diz ele, tão simplesmente).

O cerne deste filme, realizado por Stephen Frears, está nas vidas destas pessoas. A forma como estão sempre atentos à possibilidade de esquemas para ganharem mais dinheiro (como, por exemplo, o serviço de quarto de Okwe e Ivan providenciam já depois da hora de fecho da cozinha); como vivem constantemente com medo dos funcionários da imigração, que os querem deportar, ainda que a economia moderna da sociedade ocidental não funcione sem estes trabalhadores na sombra; como há uma rede de contactos e apoio neste mundo escondido, cujos habitantes vêm todos de sítios diferentes e falam milhares de línguas, que pura e

ESTRANHOS DE PASSAGEM
Dirty Pretty Things

simplesmente deixaram de contar, e aceitam-se uns aos outros como cidadãos nesta terra de exílio.

Ficamos a conhecer estas pessoas e um pouco das suas vidas, à medida que Okwe continua determinado em saber de onde apareceu aquele coração. Descobre que Sneaky é a chave, e que o hotel é o centro de uma empresa cruel que aqui não revelaremos. O filme leva-nos a lugares sombrios nas suas cenas finais. Mas este não é um filme de terror, nem é um filme-choque(embora choque). É uma história de desespero, sobre pessoas que não podem viver nos países em que nasceram e que não conseguem encontrar um local seguro noutra sítio qualquer.

Este é um território familiar a Stephen Frears, um realizador invulgarmente inteligente cuja força vem da sua empatia com os personagens. Não são apenas marcadores na história, mas pessoas por quem se interessa. Dois dos seus primeiros filmes, "A Minha Bela Lavandaria" (1985), e "Sammy and Rosie Get Laid" (1987), lidam com a Londres dos imigrantes oriundos da Índia e do Paquistão. Ele está fascinado com as pessoas que sobrevivem das falhas na economia, como em dois dos seus filmes americanos, "The Grifters" (1990) e "Alta Fidelidade" (2000), um sobre artistas, e o outro passado numa loja de discos usados.

Crucial para o sucesso de ESTRANHOS DE PASSAGEM - DIRTY PRETTY THINGS é o trabalho de Chiwetel Ejiofor [...]. Um actor natural com talento de protagonista, com uma rara habilidade para parecer bom sem parecer inexperiente, e a sua intensidade contida é aqui aprofundada pela sensação de que o seu personagem transporta uma grande tristeza do passado. Audrey Tautou podia não ser a primeira actriz em que se pensava para interpretar o papel de uma turca, mas a sinceridade dos seus enormes olhos é certa para o papel, e Sergi Lopez traz tão elaborada venalidade ao seu gerente de noite que suspeitamos que as pessoas devem mesmo trabalhar em negócios sujos daqueles.

A força do thriller está em conferir às histórias energia e estrutura. A sua fraqueza reside em muitas vezes parecer seguir fórmulas previsíveis. Frears e o seu argumentista, Steve Knight, utilizam o poder do thriller e evitam a fraqueza ao darem-nos, na verdade, dois filmes em vez de um apenas."

Roger Ebert, Chicago Sun-Times

"Movido a suspense magnético, humor negro e humanidade indignada, o filme é uma moderna história de terror com o objectivo de nos abalar, e consegue-o."

Peter Travers, Rolling Stone

"Notáveis filme e a interpretação redentora de Ejiofor's."
Carrie Rickey, Philadelphia Inquirer

"Stephen Frears está no topo da sua forma e fez um thriller tão aterrorizador quanto belo."

Vincent Ostria, Les Inrockuptibles

"Uma boa dose de humor tihoso servido por uma pequena panóplia 'melting pot' de actores formidáveis: Chiwetel Ejifor, esperança britânica negra travestido de nigeriano ilegal, Audrey Tautout, muito longe de Amélie, mas perfeita como jovem turca encurralada, e o inesgotável Sergi Lopez, com a sua pronúncia inconfundível e o cinismo à flor dos dentes..."

Ange-Dominique Bouzet, Libération

"Uma fotografia magnífica, alternando cores quentes no limite da saturação para os décors visíveis como o hotel, com a luz fria para o mundo subterrâneo dos clandestinos. Chiwetel Ejifor, no papel de Okwe, é impressionante pela justeza e não devia ficar no anonimato por muito mais tempo."

Camille Brun, Monsieur Cinema

"Um thriller humanista de Frears à volta dos clandestinos de Londres."

Télérama, Pierre Murat

"Fica-se surpreendido por este choque em surdina, antes de sermos puxados novamente para a realidade pela calma de Chiwetel Ejifor, a inocência de Audrey Tautout e o cinismo brutal de Sergi Lopez. Será isto um conto negro ou uma constatação pertinente? Será, concerteza, uma ficção que se serve de uma realidade aterradora para acordar a indiferença, intrigando os curiosos."

Le Figaro, Dominique Borde

"Um verdadeiro thriller, apaixonante até ao fim. Audrey Tautout e Sergi Lopez, na pele de um duvidoso gerente de hotel, são espantosos."

Le Parisien, Alain Grasset

"Dinamismo formal e excelência na direcção de actores. Audrey Tautout, no papel de uma jovem turca que sofre todos os males no submundo de Londres, confirma a sua capacidade de se moldar aos personagens mais diversos."

Le Point, François-Guillaume Lorrain

ESTRANHOS DE PASSAGEM
Dirty Pretty Things

FICHA TÉCNICA

Realização	Stephen Frears
Argumento	Steven Knight
Produtores	Tracey Seaward, Robert Jones
Produtores Executivos	Paul Smith, David M. Thompson, Tracey Scoffield, Allon Reich, Teresa Moneo, Julie Goldstein
Director de Fotografia	Chris Menges
Montagem	Mick Audsley
Design de Produção	Hugo Luczyc-Wyhowski
Música	Nathan Larson
Decoração	Hugo Luczyc-Wyhowski
Maquilhagem	Jenny Shircore
Guarda-Roupa	Odile Dicks-Mireaux
Som	Peter Lindsay
Casting	Leo Davis

Reino Unido, 2002, Cor, Dolby Digital, 107'

FICHA ARTÍSTICA

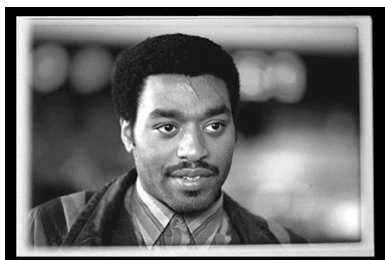
Senay	Audrey Tautou
Okwe	Chiwetel Ejiofor
Sneaky	Sergi Lopez
Juliette	Sophie Okonedo
Guo Yi	Benedict Wong
Ivan	Zlatko Buric
Shinti	Sotigui Kouyate
Fils de Shinti	Abi Gouhad
Jean-Luc	Jean-Philippe Ecoffey
Mohammed	Paul Bhattacharjee
Célia	Noma Dumezweni



Senay

Pseudónimo:	Senay (Turca), Isabella (Italiana)
Nacionalidade:	Turca
Religião:	Muçulmana
Sexo:	Feminino
Idade:	22
Local de Nascimento:	Turquia
Altura:	1, 55 m
Peso:	45 Kg
Cor:	Branca
Cabelos:	Pretos
Olhos:	Castanhos
Profissão:	Empregada de quarto num hotel

Audrey Tautou encantou o público francês com a sua sedutora interpretação no filme "O Fabuloso Destino de Amélie". Debutou no cinema em 1999 no papel de uma jovem esteticista no filme de Tonie Marshall "Vénus Beauté (Institut)", com o qual ganhou um César para Melhor Actriz Revelação. Nos poucos anos que se seguiram, Tautou já apareceu em "Le Battement d'Aile du Papillon" de Laurent Firode, "Dieu Est Grand, Je suis Toute Petite", de Pascale Bailly, "Épouse-moi", de Harriet Marin, "Le Lebertin", de Gabriel Aghion, e "Voyous Voyelles", de Serge Meynard. Audrey tautout também tem aparecido na televisão em "Cordier- Le Crime D'à Côté," "Bébés Boum," "Chaos Technique," e "Baby Blues".



Okwe

Nacionalidade:	Nigeriano
Religião:	Desconhecida
Sexo:	Masculino
Idade:	à roda dos trinta
Local de nascimento:	Nigéria
Altura:	1,65
Peso:	81 Kg
Cor:	Negro
Cabelos:	Pretos
Olhos:	Castanhos
Profissão:	Condutor de táxi, recepcionista

Chiwetel Ejiofor estudou na London Academy of Music and Dramatic Art. Após ter obtido o Prémio Revelação do Evening Standard em 2000, foi nomeado para o Prémio Oliver para Melhor Actor Secundário em 2001. Recentemente, interpretou no Teatro Nacional de Londres o papel de Christopher na adaptação de "Blue/ Orange" e também Romeu, em "Romeu e Julieta". Iniciou-se no cinema aos 19 anos sob a direcção de Steven Spielberg em Amistad. Em seguida, distinguiu-se em IT WAS AN ACCIDENT de Metin Hüseyin e GREENWICH MEAN TIME de John Strickland.



Sneaky

Pseudónimo:	Sneaky, Señor Juan
Nacionalidade:	Espagnol
Religião:	Católica
Sexo:	Masculino
Idade:	36
Local de nascimento:	Espanha
Altura:	1,82 m
Peso:	77 Kg
Cor:	Branco
Cabelos:	Pretos
Olhos:	Castanhos
Profissão:	Gerente de hotel

Foi em WESTERN de Manuel Poirier que o público francês descobriu verdadeiramente Sergi Lopez. Ao César para Melhor Actor pelo seu papel em HARRY, UM AMIGO AO SEU DISPOR de Dominik Moll, segue-se em Veneza a Taça Volpi para Melhor Interpretação Masculina pelo seu trabalho em UNE LIAISON PORNOGRAPHIQUE de Frédéric Fonteyn. Em seguida, aparece em LE LAIT DE LA TENDRESSE HUMAINE de Dominique Cabréra, REINES D'UN JOUR de Marion Vernoux, JET LAG de Danièle Thompson, FILLES PERDUES, CHEVEUX GRAS de Claude Duty, ENTRE AS PERNAS de Manuel Gomez Pereira, LES FEMMES... OU LES ENFANTS D'ABORD de Manuel Poirier, e RENCONTRE AVEC LE DRAGON d'Hélène Angel.